

## TEMPOS DE COVID

**Janice Reixach Lima Comas, Farmacêutica-Bioquímica formada pela Faculdade UCPEL, Coordenadora da Farmácia na UPA-Junção de Rio Grande-RS, [janice.comas@ibsaude.org.br](mailto:janice.comas@ibsaude.org.br)**

**Resumo:** Nesse rápido relato, conto um pouco de minha experiência com o covid-19, tanto na parte profissional, como quanto indivíduo na forma de enfrentamento da doença. Gostaria de dividir com todos os colegas do IBSAÚDE no sentido de crescimento, pois acredito na troca de experiências entre pessoas nesse momento tão difícil que enfrentamos.

Gostaria de relatar um pouco de minha vivência nesse último ano, são tempos difíceis que toda população está passando, independente de classe social, enfrentando momentos que para alguns, são os piores vividos e sem conseguir enxergar o tão esperado final.

Esses momentos, como mencionei acima, não está sendo algo transitório, pois passou-se um ano e com ele muito tempo mal vivido, perdido, mas sem dúvida o mais importante e triste, vidas levadas e arrancadas como um sopro.

Então, perante esse desabafo inicial, devido ao cansaço vivido e não tenho como dizer que sou a única a passar e ter esse sentimento, mas apenas mais um indivíduo e apesar disso considero-me privilegiada perante outras pessoas as quais o desfecho da história está sendo bem mais infeliz e trágico que o meu.

Minha experiência com o COVID possui vários pontos para contar nesse resumo, então, cronologicamente, vou começar pelo começo mesmo, aquele que achei na minha inocência que seria breve, com alguns meses até a vacina chegar.

Em março de 2020, depois de um período muito grande sem férias, consegui viajar com minha família para um lugar distante; chegando nesse local onde o COVID-19 já estava com um quadro avançado e mais grave, realidade muito diferente que vivíamos na minha cidade até o momento. Passamos momentos de apreensão, pois os locais começaram a fechar, polícia na rua ameaçando a população que desobedecia e teimava em permanecer. Foi então que pela primeira vez escutei a palavra “distanciamento social”, como os demais, eu também pensava que nunca veria isso: não ter direito de ir e vir e ser

ameaçada de ser presa, então voltamos rápido e com medo por estar em um local distante e sem ninguém conhecido.

Ao chegar na minha cidade e voltar ao trabalho, onde naquela época me encontrava longe da área assistencial pela qual tenho toda paixão. Volto para farmácia onde era farmacêutica em tempo integral, minhas colegas apavoradas e com um pânico que não conseguiam compreender como realmente deveriam se comportar naquele momento, com medo excessivo dos clientes e realizando de uma forma totalmente incorreta os cuidados de prevenção.

Começamos então naquele março de 2020 o uso de máscaras, distanciamento social, passar álcool gel em tudo e higienização correta das mãos para evitar contaminação. Trabalhamos durante todo o ano, pois por ser uma área de prestação de saúde, precisamos seguir a vida e minha profissão é de extrema importância para a população em geral; aprendemos a ficar distante de amigos e familiares, evitar abraços e beijos, situações que eram normais na nossa vida até o momento.

No final de novembro/2020 fui contaminada e desenvolvi a doença. Devido ser casada com um enfermeiro e o mesmo trabalhar na linha de frente contra o COVID, acabou adquirindo a doença e conseqüentemente chegando até mim. Meu primeiro sentimento foi de muito medo, pois como a maioria das pessoas faz, realizava o distanciamento, mas em alguns momentos visitava meus pais, pessoas mais velhas, além de ter uma segunda mãe muito idosa com 92 anos. Então logo após minha contaminação, descobri que tinha passado para meus pais, me recordo que tive um “mix” de sentimentos: remorso com preocupação excessiva, só conseguia pensar na Maurinha, minha mãe que com 92 anos jamais iria resistir se adquirisse. Minha filha Ana Luíza foi submetida a ficar comigo, pois não sabia se teria a forma assintomática da doença, poderia passar para outros familiares.

Tivemos um longo período de 14 dias, com muitos sintomas, vários medicamentos e o sentimento era de apreensão, pois se tratava de uma doença nova, onde os sintomas eram muito fortes, dor que não se resistia e como nos contaminamos no início da pandemia, o pouco se sabia de tratamento e muita polêmica quanto às medicações a serem utilizadas. No final desses 14 dias e após um período muito duro, apresentamos cura, uns com mais sequelas que outros, mas todos vivos que é uma dádiva nesse momento atual.

Achei que minha experiência com o COVID teria terminado naquele momento, mas como sempre se diz “novo ano vida nova”, em janeiro de 2021 comecei um novo ciclo de trabalho, retornando para área assistencial e dando início as atividades na UPA-Junção, onde desenvolvo um trabalho como coordenadora farmacêutica. Essa nova experiência está sendo muito produtiva, estando diariamente em contato e envolvida com as dificuldades causadas pelo COVID. Estamos sempre aprendendo o melhor jeito de tratar, qual o medicamento usar, como a pandemia só cresce, aumento de óbitos, falta de medicações, lotação de hospitais e sem leitos para o atendimento.

Mesmo com a mídia passando a situação do mundo no momento, tenho a nítida certeza que a população não tem noção do quadro real, pois todos continuam levando a vida da mesma forma e os números só crescem. Costumo dizer que vivemos em um tempo de faz de conta, onde fingimos que estamos realizando distanciamento social, o comércio faz de conta que segue as regras impostas e o governo também faz de conta que fiscaliza.

Sempre trabalhei na área hospitalar, então o ciclo vital, o nascer e morrer é normal para mim, mas nesse momento tem sido bem diferente devido à forma que ocorre esse processo, pessoas em um momento bem e no outro morrendo, vidas interrompidas, sofrimento sem despedidas por parte de familiares, não temos mais média de idade para o óbito, cada vez mais jovens e muitos sem problemas de saúde aparente.

Tenho observado muitos casos e sempre acabo chamando atenção para a forma que o paciente se apresenta psicologicamente, com um sentimento de medo, agonia e pânico, devido a situação e o inesperado, pois não sabe o que vai ocorrer e o medo da morte é bem grande, fazendo muitas vezes negar o atendimento e internação como já vi ocorrer.

Não gostamos de expor nossas vidas, temos sempre aquele tal receio, mas diante de um pedido feito por uma colega querida, resolvi dividir com todos um pouco das minhas experiências até agora. Falando como profissional, vejo esse momento como sendo aqueles como tantos outros que já passei, de muita luta e dificuldades. A falta de materiais e medicamentos são sem dúvida nosso maior problema, a preocupação é diária e várias vezes me acompanha fora do trabalho. Ajudamos colegas de outras instituições e inúmeras vezes sendo ajudada também, agradeço essa corrente do bem que vivemos diariamente,

assim estou levando até agora e como mencionei lá no começo me sinto privilegiada, diante de outros em piores situações.

Acabamos apelando para tudo, pedimos proteção para nossas crenças e o mais importante, que tudo acabe rápido, que a verdadeira cura apareça e que esses tempos difíceis fiquem no passado, como aquelas lembranças tristes onde não queremos recordar. Vamos lutando e esperando dias melhores para todos, pois não tem mal que dure para sempre e a esperança em retomar a rotina é constante e sempre nos acompanha. Vejo esse projeto como um aprendizado geral, pois apesar do longo tempo que passou desde o início da pandemia, cada vez mais nos deparamos com momentos de maior gravidade, nos abalando psicologicamente como indivíduos que somos, independente do cargo profissional que desempenhamos, então esse projeto desenvolvido pelo IB Escola pode ajudar um pouquinho através de todos esses relatos de vida que vamos vivenciar.